



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – mandingas, malícias, saberes ancestrais e feminismo na roda.

Autora: Maria Zeneide Gomes da Silva

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARÁ- SEDUC/zeneidegomes@yahoo.com.br

Resumo: A finalidade desta comunicação oral, visa de tecer reflexões a partir do feminismo das mulheres capoeiristas contra opressão nas rodas de capoeira na grande Belém. O lócus de pesquisa é o Movimento Capoeira Mulher, coletivo social de mulheres capoeiristas oriundas de vários grupos/associações em atuação na referida cidade. E neste cenário, que enquanto intelectual negra, com engajamento político e acadêmico na luta antirracista e anti machista, articular minhas vivências empíricas e científicas em parceria com o movimento dar visibilidade as subjetividades e desigualdades, silenciamentos, omissões e protagonismo e o saberes ancestrais da capoeira, foram utilizados para construção de suas identidades. Tendo como procedimentos metodológicos da pesquisa, a pesquisa participante e observação etnográfica tradicional e digital. Considerando o ethos da capoeira no processo de análise, pois fazem parte do universo cultural e simbólico do cotidiano dos sujeitos investigados enquanto elementos para repensar valores culturais e educacionais hegemônicos, que sedimentam o sexismo, machismo na sociedade. Os resultados percebidos apontam para tomada de consciência política das mulheres capoeiristas e para o papel dinamizador das rodas de capoeira, como para o fomento da capoeira como expressão cultural afro-brasileira que acolhe e promove identidades sociais, crenças e valores, na perspectiva de repensar outras epistemologias para a educação e a Práxis feminista capoeira na Amazônia Paraense.

Palavras: Chaves: Roda Capoeira; Mulher Capoeirista. Resistência. Educação contra hegemônica.

Iêeeeeeeeeeee!

Vou contar uma história /
falar de mulher
guerreira/Mulher negra
quilombola/A mulher na
capoeira/Fala de Acotirene
/Do seu grito que ecoou
/Era a mãe do
quilombo/Palmares ela
lutou/Luisa que é mulher
negra /Gege e nagô da
Bahia/Nos males e
sabinada/Lutou em
ninguém sabia/Ainda na
velha Bahia/Falar de Janja
e Felipa /Mulheres fortes
guerreiras/Capoeira
destemidas/ E chegando no
Pará/Terra de Sílvia
Leão/Ela é Mestra Pé de
Anjo/Mora no meu
coração/Na angola ou
regional /Ela mostrou o

seu valor/E pra jogar lá no
céu/Nosso senhor já lhe
chamou,/Camaradinha.../Iê
viva meu Deus!/Iê viva
meu Deus, camará.
(MARGARIDA, canto
gravado em vídeo, em
04/05/2018)

Com um longo “Iêeeeeee!” e texto de Margarida, saúdo, peço licença para iniciar esse trabalho que versa sobre capoeira, tal como a tradição das rodas de capoeira, onde com esse canto da ladainha saudando, louvando, homenageando e pedindo proteção em cada roda que se inicia, herança ancestral da diáspora africanas no Brasil.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O texto da epigrafe é de autoria da capoeirista Jennifer Santos, na capoeira seu apelido é Margarida, do Grupo Raízes do Brasil, atualmente residindo no Amapá. Margarida é uma das mulheres que está na militância do MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MCM, ativamente desde a criação deste movimento social de mulheres capoeiristas em Belém do Pará. Com esse texto, que ainda se encontra em construção conforme a autora explica e de onde partiu a inspiração para composição: “Eu peguei aquela memória de mulheres negras e tentei trazer para a música. Pouco se fala de mulheres de forma positiva na capoeira, por isso pensei que falar um pouquinho de cada seria diferente e não tinha como não terminar falando da Silvia, ainda vou ver se coloco a Jerônima, que ouvi falar muito dela”. (MARGARIDA, 04/05/2018). Falar de forma positiva sobre as mulheres capoeiristas implica refletir sobre a forma hierárquica e as relações de poder que permeiam a prática da capoeira considerando os referências civilizatórios afro brasileiro que lhe deram origem.

A roda de capoeira é um espaço de apropriação, consciente ou não, do legado milenar de criação do povo negro, que são revividos a cada roda. No meio da capoeira, não há quem não se refira a ancestralidade os saberes dos mestres e do Axé de uma boa roda de capoeira.

Mesmo tendo percebido que não aja domínio teórico, mais vivem na prática e sabem que é

tradição ao ponto de não conceberem a possibilidade de mudança, mesmo quando é algo que depõe contra a próprios princípios éticos e fundamentos a da capoeira, como é o caso das músicas de cunho pejorativo contra a mulher, que seguem sendo cantadas em pleno século XXI, mesmo com todos os avanços e medidas protetivas e punitivas em vigor.

Mestre Ferro do Pé, em uma de suas composições “[...]Falar de saberes é falar de tradição”, e muitos desses saberes e tradição da roda vão desde a forma de organização em forma de círculo, a musicalidade, os cantos, a ludicidade, a corporeidade, a memória, o comunitarismo, a hierarquia, o poder, a religiosidade, o tão falado axé e ancestralidade entre outros. Segundo Trindade (2006), todos esses elementos são invocados em expressões culturais afro brasileiras, onde passado e presente se encontram e seguem circulando entre todos que estão vinculados a sua prática. A prática de capoeira é um exemplo disso.

No entanto, como problematizar uma expressão cultural, considerada um patrimônio histórico e pautado na tradição milenar? Como a mulher realiza o seu longo grito Iê! Será esse o seu grito de libertação na roda de capoeira diante de todas as opressões sofridas na capoeira? Para isso é necessário realizar um ato de transgressão da própria tradição da capoeira e que determina o lugar a ser ocupado por ela?



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Este é o desafio das mulheres capoeiristas que fazem parte do Movimento Capoeira Mulher – MCM em Belém do Pará, que segundo Silva (2017), esta autora que vos comunica, as mulheres, sob a inspiração de *Dandara*, heroína do Quilombo de Palmares e com a ginga feminista de “*Pé de Anjo*”, a idealizadora do movimento que junto com Sininho, Karen, Cristina, Suely, Margarida, Catita, Tsunami e muitas outras *mandingueiras paraoaras*, nasce no dia 10 de março de 2002, numa *Grande Roda das Mulheres Capoeiristas*. Roda que com o passar do tempo, se transformou no Movimento Capoeira Mulher, tendo como primeiro palco, o anfiteatro da Praça da República, em Belém do Pará, e uma plateia formada por muitos capoeiristas.

É pertinente refletir a respeito do protagonismo das mulheres do MCM na luta por equidade de gênero nas rodas de capoeira, em meio a todas as situações que nos deparamos frequentemente nas rodas, com divulgação através das mídias sociais, que ameaçam a integridade física, a autonomia das mulheres, o controle de seus corpos de sua sexualidade e da sua liberdade. Portanto, estamos diante de um movimento social que reúne mulheres de diferentes grupos/associações de capoeira em torno da luta por igualdade de direitos, pela conscientização e visibilidade da mulher no universo da capoeira em Belém do Pará. Trata-se de um movimento social de mulheres que se auto identificam com

orientações sexuais diferenciadas, mulheres lésbicas, bi-sexuais e heterossexuais. Quanto a formação escolarizada, ressalta-se possuem uma boa formação acadêmica e diferentes áreas de conhecimento e atuação profissional.

A título de esclarecimento por sempre haver equivoco de compreensão a respeito da denominação “Movimento Capoeira Mulher”, é necessário enfatizar que não é um grupo de capoeira composto somente por mulheres, nem um evento promovido por mulheres para mulheres de um determinado grupo de capoeira assim como, não refere-se de forma abrangente, a nível nacional, de mulheres capoeirista. Como elas costumam dizer, somos feministas e ainda que são pioneiras nesta forma de organização e servem de referencias para organização de mulheres em outros Estados. Ainda segundo Silva(2017), estão na militância a um pouco mais de uma década e meia, por novas formas de relações de gênero nas rodas e no cotidiano das associações e grupos de capoeira em Belém do Pará.

Consideram um movimento é aberto para todas as praticantes ou simpatizantes da capoeira, independente de idade ou estilo de capoeira. Sua forma de organização conta com duas coordenações: a Coordenação fechada composta por mulheres capoeirista que estão em constante articulação, uma espécie de coordenação do MCM e a Coordenação Aberta, que não é permanente, geralmente acontece por realização



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

dos eventos ou encontros, é quando junta-se um grande número de mulheres capoeiristas que juntamente com a coordenação fechada ampliando o grupo de trabalho, por mulheres que não tem disponibilidade de tempo para atuação de forma permanente e optam por participar apenas ativamente durante as grandes atividades. Não tendo um local, uma sede definida para desenvolver suas atividades e reuniões, sua atuação acontece em diferentes espaços da cidade, tais como praças públicas, a residência de uma das militantes ou a mesa de um bar. A participação do MCM em eventos de grupos e associações de capoeira tem sido cada vez mais requisitada, assim como, também são chamadas a participar em intercâmbios realizados por grupos de outros Estados, em programações e governamentais referentes a capoeira ou sobre gênero. Nestas ocasiões sempre portam as camisas do MCM e calça com a logomarca de seus grupos de origem.

É importante destacar sua atuação nas comunidades virtuais em WhatsApp, Facebook criadas por elas para atuação, e interação com as mulheres do grupo e/ou e comunidade da capoeira. Outro campo de atuação significativa das mulheres é Comitê de Salvaguarda Capoeira do Estado do Pará, promovida pelo Superintendência do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN em Belém, onde também faço parte, representando a Secretária de Estado de Educação do

Pará/SEDUC através da Coordenadoria de Educação para Promoção da Igualdade Racial/COPIR. para somar na luta das mulheres e da capoeira.

Neste sentido é importante destacar, que nestas reflexões, trago as vozes das mulheres enquanto principal referência, onde me incluo, com minha atuação e experiências de ex capoeirista, de educadora, pesquisadora militante engajado na formação e na resistência política contra as hegemonias dominantes junto ao movimento negro e na educação básica sobre educação para diversidade étnico racial. Bem como, pesquisadora de capoeira, de minha dissertação de mestrado, no PPGEDUC da Universidade Federal do Pará, campus do Tocantins – Cametá na Linha de Pesquisa Educação Cultura e Linguagem, concluído no ano de 2017, sob o título “Movimento Capoeira Mulher: Saberes Ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará”, onde analiso este movimento social de mulheres capoeiristas ao longo de quinze anos, num período compreendido entre 2002 e 2017. Além de dados de minha pesquisa de dissertação, trago o desdobramentos ocorridos após a conclusão do curso e socialização do resultado da pesquisa em diferentes espaços, sempre privilegiando o protagonismo das mulheres capoeiristas enquanto referencia principal.

Espero com isso alcançar os desafios epistemológicos a que me proponho, a refletir



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sobre a atuação das mulheres capoeiristas na resistências sociais, políticas e pedagógica que as mulheres utilizam para construção de suas identidades em movimentos, como elas afirmam, na periferia urbana da grande Belém ao partilharem uma prática cultural comum, a capoeira. E como seus saberes e experiências podem contribuir para repensar outras epistemologias para a educação na Amazônia Paraense.

Quanto aos procedimentos metodológicos, adoto a pesquisa participante e observação etnográfica tradicional e virtual. Considerando minha intensa interação com as mulheres, nos grupos de capoeira, no Comitê Gestor de Salvaguarda Capoeira, bem como, nas comunidades virtuais criadas e utilizadas por elas, enquanto espaço de luta e portanto um campo importante. Segundo Angrosino (2009) reconhecer os meios virtuais, através da rede mundial de computadores, como poderoso meio das interações sociais neste momento histórico. Não apenas enquanto uma ferramenta de pesquisa pela inclusão de computadores, laptops, smartphones e softwares para análise de dados. Angrosino defende que já que as comunidades virtuais e as interações on-line são comuns, os pesquisadores podem e devem se libertar do lugar por meio da internet e fazer etnografias on-line. Para este autor e totalmente possível observar o que se passa numa sala de bate papos, nas comunidades virtuais, quase da mesma maneira que se pode

observar os acontecimentos numa comunidade tradicional.

Neste e processo, certamente considerando o *ethos* da capoeira e da cultura afro brasileira, onde estão sedimentados, como considera Gonzales(1984) o sexismo, o machismo e racismo, como a sintomática que caracterizar a neurose cultural brasileira, a produzir efeitos violentos sobre a mulher negra, pondo em cheque o mito da democracia racial. Diante do exposto a referência teórico utilizada vem numa perspectiva crítica, entre elas, cito as autoras feministas negras por entender que é o feminismo que mais se aproxima para analisar o feminismo capoeira.

Uma vez que na capoeira a mulher enfrenta situação similar ou até mais complicada, como estão implícita nas letras de músicas cantada nas rodas de capoeira quando uma mulher entra na roda, tais como - “se essa mulher fosse minha eu tirava da roda já, já dava uma surra nela/até ela dizer chega...” “Oi dendê, oi dendê,/Dendê do aro amarelo/Eu vou dizer a dendê:/Sou homem, não sou mulher”, que mesmo com alterações nas letras que tiraram o cunho misógino, elas seguem sendo cantadas na forma original. No entanto a violência física e sexual é fator preocupante na capoeira. Na atualidade já se tornou lugar comum a divulgação de vídeos ou áudios nas redes sociais mostrando situações de violência contra a mulher na roda de capoeira em várias partes do mundo, apesar de todo monopólio dos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

capoeiristas, notadamente os homens para que não aja exposição das ocorrências de violências contra a mulher nas rodas. No entanto não conheço casos de punição aos agressores dessas mulheres, que sempre são culpabilizadas pelos atos dos seus companheiros agressores.

No Estado do Pará as mulheres capoeiristas resolveram se unir para juntas enfrentar o problemas causados pelo masculinismo nas rodas de capoeira, nosso olhar segue ressaltando o protagonismo e empoderamento da mulher na capoeira a partir da criação do MCM, tal como ensina Acosta, “A questão continua sendo política. Não podemos esperar uma solução “técnica”. Nosso mundo tem de ser recriado a partir do âmbito comunitário” (ACOSTA. 2016, p.26) e as mulheres com suas presenças e suas práticas descolonização e de “liberdade e de recuperação da humanidade roubada” (Arroyo. 2014, p.27) nas rodas de capoeira em Belém do Pará.

“Eles resistem a nós e nós resistimos a eles” - movimento social de mulheres capoeiristas e suas estratégias de resistência.

E como no proverbio africano, “Se queres saber o final presta atenção no começo”, seguimos, tecendo reflexões sobre a história das mulheres capoeiristas e suas estratégias de libertação nas rodas de capoeira, no sentido anti-horário para estudar, para sondar, conhecer, num verdadeiro ritual mandingueiro para perceber como as mulheres se organizaram coletivamente num

jogo que se mantém há quase 17 (dezessete) anos. Da mesma forma, como expresso na filosofia africana contido no *ideograma Adinkra, Sankofa*, representado por uma ave de migração com o pescoço e ori (cabeça) voltado para trás a contemplar o passado para compreender o presente, como uma possibilidade de para compreender a história e as mandingas, malícias e militância na roda de saberes fundamentados em referenciais africanos.

Para na “*volta ao mundo*” com minhas parceiras de jogo contar suas histórias. Para isso, é necessário evidenciar que a história da capoeiragem no Estado do Pará é antiga e longa, tanto quanto em outros centros nacionalmente conhecidos, no entanto, não nos deteremos sobre o histórico da capoeira de forma ampla no Estado do Pará, apenas num breve histórico das mulheres envolvidas na prática da capoeira em Belém e dizer que se tinha mulher, também tinha homem. Dentre tantas histórias, é impossível não citar ou começar com Jerônima citada na epigrafe, por Margarida, uma vez que esta é a ancestral mais antiga revelada pela história capoeiragem no Pará. É aquela mulher destemida a quem Soares(1997) se admira e considera como “improvável” em seus escritos encontrar uma mulher capoeirista e em Belém do Pará no século XIX. A descoberta vem das páginas do jornal: *A Constituição*, do dia 21 de novembro de 1876, com a seguinte notícia: “Que mulher Capoeira! As 7 horas da noite, por praças do 4º



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Batalhão de Artilharia foi hontem presa a cafuza Jeronyma, escrava de Caetano Antonio de Lemos”. Jeronyma, era escravizada e foi presa porque se encontrava praticando capoeira na rua. Além de Jeronyma, outras mulheres estiveram envolvidas com a capoeiragem, tai como: *Maria Meia-Noite*, *Joana Maluca*, *Maria Galinha* e tantas outras que a história e memória coletiva invisibilizou, suas historias eles vem das ruas centrais e perifericas e mais especificamente dos espaços considerados boêmios compartilhados com homens na Belém do século XIX, onde eram presas, taxadas de desordeiras, vadias, vagabundas e prostitutas, um perfil em total antagonismo com os padrões estabelecidos para as mulheres brancas. Estas mulheres, com coragem e valentia reagiam as opressões as quais eram submetidas e enquanto resistiam se tornaram protagonistas da história de seu tempo. Tempo em que segundo, Costa e França (2016), o modelo educativo específico para educar as meninas na Amazônia era centrado na ciência e educação como caminho para combater os “males” da mestiçagem e com isso alcançar a civilização tão almejada. E o grupo social onde estavam localizadas as mulheres envolvidas com a capoeira, escravizadas ou libertas, que viviam em situação de rua, as política de educação escolarizada não as incluía, a educação era um privilégio das elites. Avançando no tempo, para a década de 1980 do século XX, em função da inexistência

de pesquisas sistematizadas sobre a capoeira em um longo período no Pará, onde segundo Silva(1988) encontraremos a mulheres sendo graduadas no Grupo de Capoeira Dandara Bambula, do Serviço Social do Comercio, conduzido por Mestre Abiu, quando num batizado de capoeira, entre as trinta e sete graduações conferidas, nove foram destinadas a mulheres capoeiristas. Que diferentes de suas antecessoras do século anterior, se encontravam com níveis diferentes formações escolarizadas/acadêmica, bem como, com atuação profissional em diversas áreas. No entanto, adentra-se ao século XXI e as mulheres capoeiristas, que estavam no mesmo espaço de tempo e formação junto com os homens, não avançaram da mesma proporção que os homens. Fato que repercute na inexistência de Mestras de capoeira formadas no/pelo grupos de capoeira paraense.

Outras questões, segundo Silva(2017) evidencia que as mulheres pertencentes a grupos diferentes, praticamente nem se conheciam; e os constantes casos de violência física, assédios sexuais e morais contra as mulheres na roda. Razões pelas quais as mulheres passaram a se organizar para o enfrentamento as opressões e a desigualdade de oportunidades existente nas rodas. E o ponto alto desta organização acontece com a criação do movimento social de mulheres capoeiristas procedentes de diferentes grupos e associações de capoeira.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Desta forma trago a memória das mulheres e suas falas carregadas de conhecimentos de um passado vivido e percebido por elas, e relatos marcados pela emoção, da ex-capoeirista Cristiane Silva, de apelido Sininho que narra o diálogo que teve com a capoeirista Maria Silvia Santana Leão, conhecida como Silvia Leão, no meio artístico pois era atriz e bailarina e na capoeirista o apelido era de Pé de Anjo.

Quando tivemos a ideia de fazer? Quando eu e Silvia nos reuníamos, a gente conversava muito sobre a mulher na capoeira, a discriminação, como ela sofria. A gente observava muito nas rodas, nos grupos que a gente conhecia, isso que acontecia com as mulheres. Quando foi um dia ela disse:

– Sininho, já pensou, se a gente consegue fazer uma roda só de mulheres?

Eu disse assim:

– Égua! Seria muito bacana!

Ela disse:

– Égua! A gente pode tentar, mas é uma briga muito feia que a gente vai comprar. (CRISTIANE SININHO, depoimento concedido em 2017)

Segundo a narrativa de Sininho e outras capoeiristas, como Gisele Tsunami não sabiam direito onde iam chegar, mas vivenciaram este momento impar para a história da capoeira. O passo seguinte foi compartilhar com a irmã de Pé de Anjo, Cristina Leão, que não é capoeirista, a ideia que foi acolhida com entusiasmo, posteriormente apresentaram o projeto a Vereadora Suely Oliveira. Este apoio foi

fundamental importância para a efetivação do projeto através da parceria com a Prefeitura de Belém.

A partir de então, sob a liderança de Pé de Anjo, Sininho, Karen e posteriormente foram agregando outras mulheres capoeiristas, tais como, Jennifer apelido Margarida e Érica de apelido Catita, com o apoio de Cristina Leão e Vereadora Suely Oliveira, iniciam a mobilização, parcerias e atividades para realização da Roda de Mulheres, numa manhã de domingo, dia 10 de março de 2002 na Praça da República, em homenagem ao dia internacional da mulher celebrado em 08 de março.

Ainda segundo Silva (2017) partir de então o Movimento começa e se expande já tendo realizado ao longo de sua existência nove encontros, inicialmente eram anuais e com o passar do tempo e como ato de resistência, optaram por não mais realizar anualmente, foram espaçando os encontros para média dois anos. O último encontro foi de comemoração aos 15 anos do movimento celebrado em 2017, além do evento em si, que culminou com almoço, Segundo Silva (2017) onde as capoeiristas do MCM se encontravam, literalmente “montadas” segundo Gisele Tsunami, disse que “todas de mulheres da Cabaré, incorporando personagens de que fomos taxadas durante a nossa vida toda.” Porque ela fizeram isso? Para denunciar que passaram quinze anos sendo designadas por várias denominações de cunho pejorativo,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

verdadeira agressão a dignidade da pessoa humana, por: sapatão, prostitutas, quengas, etc. Inclusive a própria criadora deste movimento, sofreu com essa situação desumana imputada por homens capoeiristas e mestres. Seguem na como afirmou Gisele, que as mulheres se apropriaram dos próprios fundamentos da capoeira como instrumento de luta e afirma que se nos desrespeitarem as mulheres estão desrespeitando os fundamentos da capoeira.

A realização da primeira grande roda composta só por mulheres, foi o primeiro passo, seguido pela realização dos encontros que inicialmente eram anuais e com o passar do tempo, passou a ser realizado a cada dois anos. O primeiro encontro é relevante e paradigmático, para história das mulheres capoeiristas, que continua não apenas por continuar na memória de homens e mulheres, mais por ter sido o momento chamam atenção. Primeiro o fato de trazerem para o encontro temáticas importantes para a formação dos capoeiristas, além das questões relativos a própria prática da capoeira, questões de gênero voltados para a mulher, política e a mulher e cultura cabana, temática pertinente pois estavam sendo realizados os encontros, dentro da programação da Semana de História e Cultura Cabana, realizada pela Prefeitura de Belém, com a qual estabeleceram parceria para implementação dos dois primeiros encontros; outro ponto importante refere-se a participação e contribuição de estudiosos acadêmicos não

capoeiristas, para tratar de temáticas importantes; o empoderamento das mulheres através de formação em oficinas e treinos de capoeira para domínio sobre dos instrumentos musicais, entre estes o instrumento que comanda a roda, o berimbau e como consequência a realização da “Orquestra de Berimbaus” compostas por mulheres para apresentação em Praça Publica para toda cidade. Assim, como, para realização de rodas de capoeira no encerramento do encontro de mulheres no mesmo dia e local da comemoração do 378º aniversário da cidade de Belém, acontecimento com ampla repercussão em todas as mídias e no meio da capoeira, que participou da extensa programação da prefeitura, “fechando o cartão postal da cidade Ver-o-Peso”, com a realização de várias Rodas de Capoeira na avenida, comandada por mulheres e com a participação dos homens. A bateria de capoeira foi localizada no alto de carros som, tal como afirma Gisele Tsunami “eram várias rodas...você olhava do alto e era só capoeira.”

É interessante evidenciar, que o apoio governamental, durante a gestão do Partido dos Trabalhadores-PT à frente da Prefeitura Municipal de Belém, foi fundamental para realização grandiosa dos dois primeiros encontros. A mediação com o governo foi facilitada pelo fato de haver entre a militância inicial do movimento, militância política do PT. No entanto o movimento não estava subjugado a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

gestão municipal, mas o diálogo existente entre a gestão municipal e os movimentos sociais implementados na época, que favoreceu o diálogo e parceria.

No entanto, entre o segundo e o terceiro encontro, a mulher que fechou o Ver-o-Peso, partiu “E pra jogar lá no céu/Nosso senhor já lhe chamou./Camaradinha..” e o seu legado ficou como o texto de Margarida afirma. Sem querer a negra atriz, dançarina e capoeirista se fez inspiração para muitas mulheres e também muitos homens capoeiristas que reconhecem a sua importância para a capoeira. Após, este acontecimento que ainda emociona, as mulheres foram desafiadas a continuar, com muitas divergências internas e consequentes afastamentos, no entanto outras mulheres aderiram ao movimento, novos direcionamentos e reestruturações estão sempre acontecendo.

Eis a razão pela o canto de Margarida que diz, “[...] Silvia Leão/Ela é Mestre Pé de Anjo/Mora no meu coração. Na angola ou regional /Ela mostrou o seu valor”. Não há como não acreditar que ela se transformou numa ancestral paraense da capoeira.

Um dos maiores atos de transgressão aconteceu em 2016 a partir da participação e protagonismo de mulheres que compõe o Comitê Gestor da Salvaguarda Capoeira no Pará -IPHAN/PA. Onde já foram realizados encontros regionais, dos 145 municípios, cerca de 80 municípios

contribuíram para realização do Plano de Salvaguarda Capoeira no Pará.

No que tange a representação das mulheres no Comitê, ainda é pequena, apenas três, que adiante citaremos, no entanto outras mulheres mesmo na maioria na condição de suplentes, participam ativamente nas reuniões e que a diante serão citadas.

Outra situação e conquista das mulheres dentro do Comitê Gestor é o que a seguir apresentamos no texto copilado com poucas alterações, de um artigo produção desta autora, por entender desnecessário reescrever a mesma história comunicada no II SIALAT - Seminário Internacional América Latina: Políticas e Conflitos Contemporâneos realizado em novembro de 2017. Referente a ação que possibilitou a realização de uma “ Conversa Pai d’égua” – que é um projeto dentro da área de educação patrimonial do IPHAN, conversas que veem acontecendo desde o ano de 2011, e assim argumentamos e questionamos a opção de apenas contemplar os homens: “desta vez temos que trazer uma Mestre de Capoeira”.

Breve reflexão sobre documentos oficiais que subsidiam a salvaguarda capoeira

Ao analisar a elaboração textual dos documentos oficiais que subsidiam os planos de salvaguarda capoeira, percebe-se que as diferenças não são reconhecidas.

A linguagem utilizada nos documentos oficiais que subsidiam a elaboração dos planos de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

salvaguarda, é uma linguagem sexista, que reafirma e demarca o lugar do homem no contexto da capoeira – O mestre, o professor, o aluno. E as mulheres seguem invisibilizadas no texto, o que não se justifica, mediante a presença expressiva das mulheres inseridas na prática da capoeira, e mestras de capoeira, professoras de capoeira e alunas de capoeira em atuação em todo o país. Ainda que, o quantitativo de mulheres como Mestras de Capoeira não seja na mesma proporção que com os homens, as mulheres representam uma força de trabalho importante, é uma realidade que não pode mais permanecer na invisibilidade nas construções textuais oficiais dos planos de salvaguarda.

Enquanto pesquisadora da temática, essa sempre foi uma luta dentro do Comitê Gestor, pois consideramos contraditório implementar ações voltadas para capoeira, negando e ocultando a história e seus sujeitos, igualando a todos sem o reconhecimento das diferentes identidades existentes nas rodas de capoeira. Neste sentido, Paulo Freire (1992) afirma que é preciso fugir da armadilha que a linguagem coloca, ao afirmar que os homens fazem a história, e ao dizer que quando, ao se referir ao homem, a mulher está incluída. Estamos diante, portanto, da naturalização da violência simbólica de dominação masculina sobre a mulher, com o discurso machista, fugindo da constatação segundo Gonçalves e Silva (2006) no Brasil, os sujeitos das políticas públicas foram sempre

definidos por categorias que não faziam qualquer distinção de gênero ou de raça e são sempre designados em termos genéricos, e fazendo o seguinte questionamento: seria possível pensar políticas públicas em consonância com os problemas étnicos da sociedade?

Neste sentido, a superação deste discurso colonial, sexista e machista considero como uma vitória fundamental na elaboração plano de salvaguarda paraense, onde tenho contribuído com intervenções nos debates junto com outras mulheres e representantes do MCM. As mulheres capoeiristas paraenses tem uma participação ativa nos grupos e nos seus polos ou núcleos, onde ensinam capoeira. Diante disso, é impossível não as considerar como detentoras de saberes, que certamente, e devem se sentir incluídas nas políticas públicas necessários para garantir à todas os mesmos benefícios destinados aos homens.

Fato que possibilitou a denúncia e a exigência de posicionamento do Comitê Gestor perante a situação onde um mestre de capoeira, que em comunidade de virtuais divulgou áudio seu, ameaçando a integridade física, moral e psicológica, afirmando que iria “quebrar na roda” uma mulher capoeirista paraense. Ocasão o referido comitê publicizou em suas redes sociais uma nota solicitando retração pública do referido. Fato que certamente, repercutiu no meio da capoeira e cerca de 24 horas o referido se pronuncia divulgando sua retratação, fato que



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

não diminui a gravidade da atitude misógina do mestre, que se denunciada, poderia ser caracterizada como crime previsto no código penal.

Conversa Pai d'égua e as mulheres no comitê Gestor da Salvaguarda Capoeira no Pará

Se a conversa é Pai d'égua tem que ter mulher na mesa sim! Desta forma também, demos o “pulo das gatas” e conquistamos a realização de uma mesa composta só por mulheres capoeiristas com a presença de uma Mestre de Capoeira na mesa. Tudo decidido coletivamente com e na presença dos mestres.

Desta forma, nasceu a ideia e realização da “Roda de Conversa Patrimônio e Gênero: a mulher na capoeira”, durante o I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais, foi um evento pensado por mulheres, para mulheres conduzirem na presença dos homens e mulheres. Foi realizado através da parceria entre IPHAN e Associação dos Agentes de Patrimônio da Amazônia-ASAPAM, membro da Rede Casas do Patrimônio – Pará, na comemoração à Semana do Patrimônio Paraense – SPP 2016, tendo como temática Patrimônio Imaterial – concepção, abrangência e valorização, realizado no período 21 a 25 de novembro de 2016, em comemoração ao Dia do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Pará que é comemorado em 5 de novembro.

Assim o IPHAN, com o aval do comitê foi possível atender a demanda das mulheres com

uma mesa composta só de mulheres para falar de mulher na capoeira, a saber: Gisele Silva Figueira -Tsunami, (MCM); Andreza Barroso da Silva -Miudinha (Menino é Bom); Jamile Andrade - Pretta (Berimbau Brasil), Maria Zeneide Gomes da Silva(COPIR-SEDUC-UFPA) e Profª Dra. Rosangela Costa Araujo - Mestre Janja do Instituto Nzinga de Capoeira Angola. Mestre Janja é historiadora e feminista negra, que compõem o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher-NEIM-UFBA, expos sobre “O Feminismo Angoleiro? Aspectos da organização das mulheres na capoeira Angola.”

Mestra Janja Araujo, após ouvir quatro mulheres “retadíssimas” como disse ela, na ocasião de minha defesa de mestrado em 31 agosto de 2017, com suas falas próprias marcadas pela lembrança/presença de Silvia Pé de Anjo, e pela não existência de uma mestra de capoeira no Estado do Pará.

Nesta ocasião, Mestre Janja nos surpreende, como num movimento semelhante ao conhecido na capoeira como o “pulo do gato”, e que eu passo para o feminino e digo - o “pulo da gata”, movimento surpresa que a mestra (e) não se ensina para ninguém, cada capoeiristas desenvolve o seu. Então diz, que nós paraenses já tínhamos uma mestra. O que faltava era reconhecer. Lembrando ainda que estávamos ali na presença de muitos mestres de capoeira e que ela era uma mestra, fazendo o seguinte



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres Negras da UFPA

questionamento e ao mesmo tempo proposta.

“Quem aqui reconhece que Silvia Leão – Pé de Anjo é uma Mestre de Capoeira, fique de pé?”

Quase todos levantaram, menos um mestre.

Com esta ousadia histórica, na presença e com o aval dos mestres e todas(os) presentes no evento, surge a **Primeira Mestre de Capoeira do Estado do Pará**, num reconhecimento in memoriam a capoeirista Maria Silvia Santana Leão - Pé de Anjo, na noite do dia 22 de novembro de 2016, através de um “pulo da gata angoleira”

Com este acontecimento histórico a responsabilidade aumentou para o MCM que com espírito de guerreiras estão na luta, e com isso o trabalho foi multiplicado, frente ao enfrentamento as incompreensões de forma explícita nas posturas, falas, nos comentários em redes sociais que revelam, sexismo, machismo, misoginia, homofobia, lesfóbismo diante do reconhecimento de Mestre Silvia Leão – Pé de Anjo, a que ousou comprar o jogo, e enfrentar a opressão contra a mulher na capoeira. Revelando o quanto ainda é preciso investir na desconstrução hegemônicas e opressoras contra a mulher, por parte de muitos capoeiristas homens, muitas vezes dos seus próprios mestres e também por mulheres capoeiristas.

E diante das evidências a partir desta mudança histórica na capoeira do Pará, não há como discordar do escritor africano ao afirmar - “O sexismo é um fenômeno exclusivamente

antimulher.” (MOORE, 2012, p.226). A reação negativa diante a conquista das mulheres, que desafiaram as construções sociais hegemônicas sexistas, machistas e racistas que fazem parte do universo das expressões culturais do povo negro. Segundo Saffiotti(1987), Gonzales(1984) e Carneiro(2003) são usados para legitimar o poder do macho através da opressão, subjugação e exclusão da mulher nesses espaços culturais populares.

É interessante destacar que este movimento dentro da salvaguarda, não surgiu a partir da iniciativa de mulheres com um histórico de vitimização, pelo menos aparentemente, tal qual observou bell hooks(2015) ao se referir ao surgimento do feminismo negro nos Estados Unidos. Mas por nós mulheres que percebemos a importância da organização social, como fator importante para lutar para romper a hegemonia masculina nas rodas de capoeira e que ao adentrar espaços seja acadêmico ou outro espaço institucional, como o IPHAN, que segundo afirma Arroyo (2014) Spivak(2014), bell hooks(1994), adentramos com nossas experiências de militância resistência e resiliência. Portanto não apenas enquanto “objeto da história, mas seus sujeitos igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não apenas para me adaptar mas para mudar” (FREIRE, 1996, p.77). Não podemos estar no mundo para estudar descomprometidamente de forma neutra, sem



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

intervir no mundo do qual somos sujeitos e não meros objetos.

E para concluir como uma freiriana, afirmar que pesquisar para conhecer o que não conheço e comunicar ou anunciar a novidade, e com meu espírito de capoeirista, tal como afirmação de Mestre Curió “que não há capoeira inocente”, eu também não sou inocente, tenho a certeza que a mudança é possível e meu papel no mundo, não é apenas o de quem constata, mas o de quem intervém para mudança nos rumos da história, rejeitando qualquer forma de discriminação. Iê!

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literaria, Elefante, 2016.
- ANGROSINO, Michael. Etnografia e Observação participante. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARROYO, Miguel Gonzáles. Outros Sujeitos, Outras Pedagogias. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. Estudos Avançados, São Paulo, v.17, n. 49, p. 117-132, set./dez. 2003.
- COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma Nova Visão: raça, classe e gênero como categoria de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org.). Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42. (Cadernos Sempreviva)
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança – Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. O jogo das diferenças: multiculturalismo e seus contextos. 4. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.
- GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, p, 223-144, 1984.
- HOOKS, Bell. Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.
- SILVA, Maria Zeneide Gomes da Silva. Movimento Capoeira Mulher: saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará. 2017, 180f. Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura – Universidade Federal do Pará, PPGEDUC/CAMETÁ, 2017.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.